

As potencializações e especificidades do infográfico multimídia como gênero jornalístico no ciberespaço¹

Adriana Alves RODRIGUES²

Resumo

A infografia indica cada vez mais desafios e oportunidades nas discussões do jornalismo digital em decorrência de suas especificidades e potencializações ao ser transportada para o ciberespaço. Com a finalidade de incursionar por este contexto, o artigo trata da exploração das infografias multimídia dentro do jornalismo digital e seu funcionamento como gênero jornalístico ou “cibergênero”. O texto discute os pressupostos para que esta condição seja alcançada em decorrência de suas particularidades no suporte digital e elabora categorias de análises relativas ao relato visual.

Palavras-chaves: Infografia multimídia. Gênero jornalístico. Jornalismo digital.

Abstract

The infographics addresses the challenges and opportunities in discussions of digital journalism as a result of their specificities and insights to be transported into cyberspace. In this context, this paper deals with the exploration of multimedia graphics within the digital journalism and its functioning as journalistic genre or ciber genre. Discusses the requirements for this condition is achieved due to its peculiarities in digital media and the preparation of analyzes concerning the categories of data visualization reporting.

Keywords: Multimedia infographics. Journalistic genre. Digital journalism.

¹ Este artigo foi originalmente apresentado durante o GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2011, realizado em Recife - PE

² Professora do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Jornalismo e Convergência Midiática da Faculdade Social da Bahia (FSBA) e do Curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: adrianacontemporanea@gmail.com



Introdução

As infografias evoluíram ao longo do tempo até se converterem em formatos multimídia na web, com suas características e recursos próprios. Da mesma forma e em paralelo, os gêneros percorreram um caminho similar se estabelecendo no meio impresso, no meio eletrônico (televisão) até chegar à web. Entretanto, no ciberespaço, os gêneros passaram a incorporar uma discussão mais profunda tendo em vista a falta de consenso se estamos diante de novos gêneros ou da aplicação dos gêneros tradicionais ao novo meio. A complexidade se deve ao fato de que a prática do jornalismo digital está ainda em processo de consolidação diante de inúmeras variáveis no entorno do processo de digitalização. No sentido de compreender mais adequadamente o desenvolvimento desses gêneros e como se reconfiguram no jornalismo digital, empreendemos a discussão acerca do infográfico multimídia, que aqui enquadramos como gênero na argumentação.

Ao ser transposto para o ciberespaço, a infografia agregou elementos da multimídia (áudio, vídeos, fotos, mapas, base de dados) e de interatividade tanto na web quanto nos *tablets*. A partir dessa perspectiva alguns autores defendem que estamos diante de um novo gênero no cenário do jornalismo digital (PARRAT, 2001; VALERO SANCHO, 2001; BORRÁS E CARITÁ, 2000; SOJO, 2002; SALAVERRÍA E CORES, 2005; SEIXAS, 2004; 2008a; 2008b; CAIRO, 2008; 2011). Se as infografias atendem aos elementos constitutivos de uma reportagem enquanto gênero da categoria informativa torna-se plausível a consideração desse formato como gênero jornalístico devido às apropriações realizadas. O infográfico pode ser publicado de uma forma completa e autônoma, ou seja, indo além da complementariedade do texto e, assim, confere uma unidade informativa que estabelece os mesmos elementos constitutivos de uma notícia ou reportagem.

O argumento defendido neste artigo perpassa a noção de que a infografia apresenta um estatuto, uma linguagem própria, uma especificidade que pode ser enquadrada como gênero. Nesse sentido, estabelecemos neste artigo a relação entre infografia e gênero jornalístico com o desdobramento por um levantamento conceitual

da noção de gênero digital através da observação dos seus aspectos de reconfiguração nesse suporte submetido à análise (figura 1).

Tapuiassauo, o novo dinossauro do Brasil

Conheça a nova espécie de titanossauro do Brasil, descrita por pesquisadores do Museu de Zoologia da USP, e compare-o com todos os dinossauros conhecidos do País
estadão.com.br

Leia a notícia | Comentários 6 | Email | Imprimir | b | t | f | g+ | l | s | r | T | Texto - +

TAPUIASSAUO | **DINOSSAUROS DO BRASIL** | **A HISTÓRIA DE UM FÓSSIL** | **PASSO A PASSO** | **DINOSSAUROS DO BRASIL**

Tapuiassauo

Conheça a nova espécie de titanossauro do Brasil, descrita por pesquisadores do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. O fóssil foi descoberto em Coração de Jesus (MG), e ganhou o apelido de Jesuíno

Mapeamento de campo
O croqui ao lado mostra a posição exata em que os ossos foram encontrados no campo, de acordo com um gride montado pelos pesquisadores. Os números indicam a posição de cada osso no esqueleto do animal

Passa o mouse sobre o dinossauro e veja detalhes

LOCAIS ONDE FORAM ENCONTRADAS MARCAS DE MORDIDAS NOS FÓSSEIS | OSSOS ENCONTRADOS | OSSOS INFERIDOS COM BASE EM OUTROS TITANOSSAUROS

1 metro

Figura 1 – Infografia multimídia do Estadão vencedora do *Malofiej* 2011 na categoria online
Fonte: portal Estadão³

Gêneros e infografia multimídia

As teorias classificatórias dos gêneros jornalísticos têm sua origem ainda na teoria dos gêneros literários. Foi na Grécia antiga que Platão sugeriu uma classificação, fundamentada em três aspectos e oscilando em entre literatura e realidade, a saber: gênero mimético ou dramático (tragédia e comédia); expositivo ou narrativo (poesia

³ Disponível em <http://www.estadao.com.br/especiais/tapuiassauo-o-novo-dinossauro-do-brasil,118436.htm> acesso em 22 jan. 2011



lírica) e misto (mistura das suas duas classificações anteriores: mimético ou dramático e expositivo ou narrativo). Deste modo, os gêneros jornalísticos passaram a ser compreendidos como um desdobramento histórico e específico da literatura, constituído com finalidades sociais (BERTOCCHI, 2005; GOMIS, 1989). O professor Lorenzo Gomis (1989) admite a origem literária dos gêneros jornalísticos, embora em seu livro preocupe-se em distinguir os gêneros literários dos gêneros jornalísticos visto que para o autor há distinções entre eles.

Uma destas diferenças é que ao mesmo tempo em que a literatura simula ações de realidade quando constrói fatos ficcionais e cria personagens, a função principal do jornalismo é fazer saber e fazer entender dos fatos reais, explicando desta forma o que se passa com os personagens conhecidos e o que se pode passar aos leitores como consequência dos fatos que estão comunicando. Por essa razão e ainda seguindo seu raciocínio, os gêneros jornalísticos têm menos liberdade em comparação com os literários. Tais discussões se dão na década de 1950, mas outros pesquisadores também se detiveram em pesquisar gêneros, como o holandês Van Dijk e Gonçalo Martin Vivaldi, também considerado pioneiro na questão dos gêneros e expando, ainda naquela época, os percalços de estudar o campo (SEIXAS, 2004).

Para Parrat (2001), a evolução dos diversos gêneros jornalísticos tem forte relação com a evolução histórica da humanidade podendo-se estabelecer vínculos em duas etapas: a primeira, do jornalismo informativo, compreende até o período da primeira guerra mundial; a segunda, do jornalismo interpretativo - também conhecida como "idade de ouro da imprensa"- corresponde ao período desde 1870 até 1920; e a terceira, do jornalismo de opinião, compreenderia desde 1945 aos dias atuais.

Ao longo do tempo, teóricos do jornalismo caminharam com notável discrepância para aprofundar e explorar os estudos dos gêneros no jornalismo. Um dos primeiros centros de investigação a categorizar os estudos dos gêneros foi a Universidade de Navarra, na Espanha, em 1959. Coube à Jose Luis Martínez Albertos o trabalho de pesquisar e lecionar os gêneros. Para ele, a origem dos gêneros jornalísticos, tal qual aparecem hoje, constituem-se num "resultado de una lenta elaboración histórica que se encontra intimamente ligada a la revolución del mismo concepto de lo que se entiende por periodismo" (MARTINEZ ALBERTOS, 1983, p.264).



Com as classificações sobre os gêneros jornalísticos por parte dos estudiosos e acadêmicos nos anos 1960, Martinez Albertos já definira sua própria taxionomia, a saber: gêneros de informação (informação e reportagem objetiva), gêneros de opinião (artigos ou comentários) e gêneros de interpretação (reportagem interpretativa e crônica). Na década de 1980 Martinez Albertos elabora a "teoria normativa dos gêneros jornalísticos" e se detém na idéia de que quando o jornalista se utiliza da narração para contar algo, onde se insere no "mundo dos fatos", não introduz suas próprias percepções nem tampouco faz juízos de valor ao relato noticioso.

Este ciclo de estudos foi marcado primeiramente de aspectos sociológicos, passando pela filológica da sociolinguística, para então ser organizada metodologicamente como incorporação aos estudos do jornalismo. Um dos primeiros estudiosos a utilizar o conceito de gênero jornalístico foi Jacques Kayser (PARRAT, 2001). Além de Martinez Albertos, outros nomes aparecem na abordagem da problemática como Josep Maria Casasús, Llorenç Gomis, Gonzalo Martín Vivaldi, Luisa Santamaría, Miguel Pérez Calderón, Juan Gutiérrez Palacio, Hector Borrat, Begoña Echeverría. Mais recentemente surgem autores centrados nas discussões de fenômenos em torno do jornalismo digital visando construir uma teoria dos gêneros ciberjornalísticos, tendo entre os mais expressivos os espanhóis Ramón Salaverría e Javier Díaz Noci; Nora Paul e Christina Fiebich, nos Estados Unidos; e no Brasil, Lia Seixas e Daniela Bertocchi.

No Brasil mais especificamente, as teorias dos gêneros jornalísticos começaram a ser desenvolvidas na década de 1970. Dentro da teoria dos gêneros jornalísticos, Luiz Beltrão considera que há três categorias no jornalismo: o informativo, o interpretativo e o opinativo. Entretanto, José Marques de Melo (1985) entendeu, naquela época, que havia apenas duas categorias dando conta de todo arsenal informacional: o jornalismo opinativo e o informativo. Em pesquisas recentes, Marques de Melo e Botão (1995) observaram a recorrência na mídia dos gêneros *informativo* (nota, notícia, reportagem, entrevista), *utilitários* (serviço), *opinativos* (editorial, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta) e *interpretativo* (enquete). Somado a estes gêneros, o autor inclui o gênero *diversional* (história de interesse humano e história colorida) (MARQUES DE MELO, 2010). Ainda assim, o autor ressalta:



Na verdade, o comportamento dos gêneros não se altera significativamente, como tem sido demonstrado. Isso também ficou patente em outra pesquisa, quando comparados no contexto dos veículos impressos de maior tiragem nacional – Folha de S. Paulo. (...) Tanto jornais quanto a revista semanal refletem o padrão convencional de jornalismo, privilegiando os gêneros clássicos – informativo e interpretativo – e valorizando fortemente o gênero utilitário, com certa presença do gênero interpretativo e a quase ausência do gênero diversional. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 29)

A pesquisadora Lia Seixas (2004) argumenta que as classificações defendidas por autores como Luiz Beltrão, Marques de Melo e Martínez Albertos podem ser reunidas nos critérios de “ 1) finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade; 2) estilo; 3) modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; 4) natureza do tema e topicalidade; e 5) articulações interculturais.” Para tal, a pesquisadora argumenta que havia uma dissociação entre forma e conteúdo.

Além da finalidade, estilo, estrutura (forma) e conteúdo, as tradicionais classificações (Albertos, Beltrão) procuram estar sincronizadas com a geografia, com o contexto econômico, social, político e cultural, com os modos de produção, com as correntes de pensamento e ainda com as noções de objetividade e neutralidade. A finalidade, estrutura (organização textual), o contexto, os modos de produção (modos do discurso) apontam para direções corretas, mas são tratados superficialmente, não desenvolvidos enquanto critérios. (SEIXAS, 2004, p.3).

É possível ainda apontar que para um formato se transformar em gênero jornalístico no jornalismo digital há certas condições para tal feitura, como postula Seixas (2008). Ela defende que “só podem existir gêneros jornalísticos se o domínio for determinante para a genericidade de tipos discursivos” (SEIXAS, 2004, p. 1). Ao tratar do aparecimento das novas mídias, a autora compreende que existem três aspectos a serem considerados: “1) um gênero deve ter uma unidade textual, unidade composicional; 2) esta unidade se revela na rotina produtiva e na estrutura redacional; e 3) para um formato se tornar um gênero, precisa se estabilizar institucionalmente em dada formação discursiva.”

O exemplo citado por Seixas é o próprio infográfico, objeto de nosso estudo, considerando que a infografia já teria alcançado tais condicionantes para sair de um “formato” e adquirir um *status* de um gênero no jornalismo digital. Em realidade, seria um modo de refletir sobre os condicionantes dos gêneros jornalísticos na Web,



identificando novas formas ou “formatos” que emergem no ambiente digital, não apenas para “aniquilar” as antigas, mas no sentido de reconfiguração que o novo ambiente permite com suas inovações em curso lideradas pelo processo de digitalização.

Os gêneros no ciberespaço

A preocupação em classificar os gêneros no ciberespaço foi acompanhada pelo desenvolvimento de seus produtos ao longo de mais de 15 anos de jornalismo digital. No âmbito geral, tem-se: (1) gênero interpretativo, (2) gênero opinativo, (3) gênero informativo e (4) gênero dialógico (SALAVERRÍA; CORES, 2003). BERTOCCHI (2004, 2010), no entanto, refletindo sobre a era do jornalismo do tipo *open source*, prefere pensar os cibergêneros como dentro da era do "jornalismo de código aberto",^β proposto por Dan Gillmor (2005). "Entramos, naquele momento, na era em que nós somos os *media*, num tempo em que a linha divisória entre produtores e consumidores se esbate. E a rede de comunicações se torna um meio para dar voz a qualquer pessoa" (BERTOCCHI, 2004, P. 1296). A autora destaca ainda que os estudos dos cibergêneros integram um *subcampo jornalístico* em formação, com seus conflitos, contradições, paradigmas específicos da discussão do jornalismo como um todo, pois as mudanças na área são datadas desde o início do século XXI.

Baseado ainda em Marques de Melo, Bomfim Medina (2001) classifica desta forma o que ele denomina de gêneros na comunicação jornalística: informativos, opinativos, utilitários ou prestadores de serviços (roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional (testes e apostilas); ilustrativos ou visuais (engloba gráficos, tabelas, quadros demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia); propaganda (comercial, institucional e legal); e, por fim, de entretenimento, que seriam os passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, charadas, horóscopo, dama, xadrez e novelas). No caso do infográfico, ele se enquadra na categoria “ilustrativos ou visuais”, definido por Bomfim.

O desenvolvimento dos gêneros ciberjornalísticos acompanha o desenvolvimento do jornalismo produzido para o suporte digital e alguns autores já apontam possíveis taxonomias a respeito dos cibergêneros. Interessante observar que as propostas de tipologias e classificações dos gêneros no ciberespaço ainda se encontram



em desenvolvimento, dada a recente apropriação do novo meio - o ciberespaço, onde "estamos frente a um novo paradigma" (DÍAZ-NOCI, 2004). Salaverría e Cores (2003) ao pensarem sobre a tipologia dos gêneros jornalísticos na web ressaltam que estamos vivenciando um "processo de hibridação" desses gêneros com a constante mutação e as mesclas diversas que ocorrem entre estes. Neste sentido, eles elencam quatro fases de desenvolvimento dos cibergêneros na web, a saber: repetição, enriquecimento, renovação e inovação.

1) *repetição*: esta fase corresponde ao estágio mais básico dos gêneros, constituindo uma mera transposição literal dos gêneros impressos ao ambiente digital. Em síntese, trata-se de um modelo que se limita a perpetuar formatos textuais procedentes de outros meios anteriores; 2) *enriquecimento*: este segundo nível se alcança quando o gênero incorpora possibilidades hipertextuais, multimídia e ou interativas, isto é, aproveita as características comunicativas do meio e, por esta razão, enriquece seus produtos noticiosos; 3) *Renovação*: este nível de desenvolvimento se apresenta quando se recriam gêneros precedentes mediante possibilidades hipertextuais, interativas e multimídias e supõe a reconfiguração de um gênero anterior a partir de possibilidades comunicativas do ciberespaço. A infografia multimídia, neste caso, é apontada como paradigma atual do gênero renovado no ciberespaço; 4) *Inovação*: constitui-se na criação de gêneros jornalísticos para os cibermeios, sem partir de referências prévias dos gêneros anteriores, como o impresso e audiovisuais. Trata-se de um gênero único, criado com linguagem e características próprias tendo como exemplo os *Weblogs*. (SALAVERRÍA; CORES, 2003).

O infográfico multimídia como gênero jornalístico no ciberespaço

A infografia, principalmente a multimídia, remete a partir desse âmbito da discussão à uma reflexão sobre a capacidade de poder ser vista como uma linguagem informativa jornalística independente e não somente como uma ferramenta auxiliar para a transmissão de notícias, considerando que ela ocupa lugar de destaque dentro das produções jornalísticas. Seixas (2006) vê com bons olhos os motivos que levam a infografia a ser considerada como uma unidade discursiva produzida pelo jornalismo



como um gênero. Para a mesma autora, a infografia produzida na web contém determinadas funções particulares como também mantém semelhanças com uma reportagem - do gênero informativo - quando responde às questões clássicas.

Por trás, a premissa de que uma unidade discursiva, além da função maior de informar ou avaliar, tem funções mais específicas da ordem da argumentação. Sim, da argumentação embutida na interpretação da realidade. No caso da infografia digital, mais do que ilustrar, o gráfico informativo representa o corrido para explicar o porquê, uma daquelas cinco importantes questões do nosso famigerado lead (SEIXAS, 2006, n/p).

Seixas lança uma pergunta pertinente para o debate sobre os gêneros: “estaria a infografia dentro de um "sub-campo" do jornalismo?”. Assim como Bertocchi (2010), Seixas assinala que tudo indica que está se produzindo um sub-campo dentro do jornalismo, assim como existe o "jornalismo econômico" ou "jornalismo cultural", etc., mas faz uma ressalva: há um entrave e tais adjetivos estariam se referindo a um elemento diverso. Para seixas, "visual" e "infográfico" (aspas da autora) se direcionam à linguagem. Por isso, outro questionamento é lançado: qual deve ser o elemento para definir um sub-campo?

[...] acreditamos que o caminho está na noção de ‘campo’. é investigar os elementos-chave como ‘habitus’. o que caracteriza o domínio do saber não pode ser apenas o conteúdo. a linguagem também não definiria a atividade jornalística, mas as unidades discursivas desta atividade. a mídia é da ordem do dispositivo, elemento determinante na configuração de técnicas de redação e edição, mas apenas condicionante na configuração de técnicas de apuração.(SEIXAS, 2006, n/p).

Para um dos maiores nomes no campo da infografia e do jornalismo visual, Alberto Cairo (2008), a infografia – que ele prefere chamar de visualização da informação – se enquadra na categoria de gênero dentro do jornalismo, pela constatação de “La infografia de prensa es un derivado de la visualización de información en general, después de haber sido tamizada por las reglas del periodismo” (CAIRO, 2008, p. 24). Em uma outra discussão sobre a importância da infografia no jornalismo, Cairo voltou a ressaltar a tal condição: “a Infografia é linguagem, acima de tudo, jornalística. Por consequência, um infográfico deve ser pautado, pesquisado, criado e avaliado com



o mesmo rigor e seriedade dos textos. Como eu gosto dizer, infografia não é simples ‘arte’. Infografia é jornalismo visual” (CAIRO, 2011, n/p)

Sob a perspectiva de Borrás e Caritá (2000) é necessário retomar as definições e contribuições desenvolvidas até hoje para compreender a infografia como gênero jornalístico. As autoras julgam os atuais gêneros jornalísticos bastante complexos pelo fato de que constantemente novos tipos textuais vão surgindo e que a cada nova criação, originária principalmente de jornais e revistas, que já passa a se integrar nos gêneros jornalísticos. Elas afirmam ainda que o fato das novas tecnologias da informação terem moldado as formas de apresentar as notícias configurou um novo formato na comunicação na atualidade provocando o ressurgimento dos gêneros gráficos, já que eles vislumbram as novas formas de transmitir visualmente as informações.

A partir da relação que se estabelece entre infografia e gênero, a idéia da infografia como estrutura informativa, Borrás e Caritá (2000) definiram três modelos de infografia: *Infototal*: responde todas as perguntas básicas e é totalmente narrativa; *Inforrelato*: pode ser parcial ou escassamente informativa e é semi-narrativa; *Infopincel*: mostra como é determinado objeto e é totalmente descritiva. O modelo *Infototal* mantém sua estrutura informativa correlacionada com uma , inserindo-se nos gêneros jornalísticos. Portanto, dentro das demais , a *Infototal* e mostra único tipo a ter autonomia própria, quer dizer, ser publicada solitariamente. Já os modelos *Inforrelato* e *Infopincel* exibem características de uma notícia, sendo necessário para total compreensão, a outro elemento da página, como uma nota, legenda, por exemplo.

Concordamos com as categorias estabelecidas pelas autoras que se mostram vinculadas com o nosso objeto de estudo. Assim, por se tratar de um produto híbrido e mutável na web, onde o estágio atual das infografias versa sob as bases de dados, característica demarcada em pesquisas anteriores (RODRIGUES, 2008, 2009a, 200b), inserimos outras categorias de análise para uma abordagem em direção ao proposto de delimitar o objeto em torno do gênero, conforme apontamos: *Aspectos interativos, Aspectos multimidiáticos, Estrutura informativa e narrativa, Atemporalidade/contextualidade e Atualização*. Estas categorias preliminares nos servem para pensar sobre a discussão.

Aspectos interativos	Trata-se de recursos interativos que permitem navegação multilinear ou intervenções dos leitores/internautas de forma a “dialogar” com o conteúdo como participante ativo.
Aspectos multimidiáticos	A multimidialidade se constitui num conjunto de elementos convergentes observados potencialmente no jornalismo digital ou nas infografias que integra áudio, texto, fotos, desenho, vídeos, mapas, números e outros recursos.
Estrutura informativa e narrativa	O texto informativo como gênero no jornalismo apresenta elementos básicos e lógica interna para sua narrativa conforme Borrás e Caritá (2000) como resposta às perguntas clássicas como <i>o que, quem, quando, onde, como e por que</i> e uma estrutura narrativa que engloba personagens, ações, ambiente, função (do personagem no relato), contexto e o episódio em si.
Atemporalidade/contextualidade	Quando a questão do tempo não é levada como a mais importante, isto é, podem ser feitas infografias sob efeito de notícias de atualidade imediata (<i>hard News</i>) ou atemporais. Aqui o valor-notícia é superestimado.
Atualização	Refere-se às informações que são atualizados minuto a minuto na medida em que novos fatos/dados vão surgindo. Já há infografias com estas especificações.

Quadro I – Modelo de categoria de análise para o infográfico no ciberespaço.
Fonte: elaboração própria

Com base nas discussões teóricas e nas classificações sobre o infográfico como um dos gêneros no jornalismo digital, proposta pelos autores já citados ao longo deste artigo, a intenção é endereçar uma melhor compreensão quanto às formas em que as infografias se apresentam na rede (espaço interativo, multimidiático e multidimensional) com sua linguagem e forma próprias e como o comportamento dispara novas interpretações para sua existência e disseminação enquanto modelo constituinte de gênero, conforme as regras e conceitos discutidos ao longo desse texto. Portanto,



procurando ampliar a compreensão sobre esta temática e o enquadramento da infografia multimídia como gênero, recorreremos ao conceito de infografia postulado por Valero Sancho (2003) que a classifica como “gênero informativo visual” e apresenta uma unidade de informação única que carrega variações próprias e responde aos modelos narrativos e descritivos de forma diversa. Outro argumento de Sancho, como também, em comum acordo com pesquisadores como De Pablos (1991) e Peltzer (1991), é de que a infografia enquanto gênero seja publicada de forma independente.

[...] son instrumentos lingüísticos que tienen la forma de relatos o juicios valorativos. A lo sumo se puede plantear la posibilidad de que, cuando la infografía se presenta como única información disponible, sea una unidad íntegra de información que em determinados casos se situa en el contexto de los géneros informativos visuales” (VALERO SANCHO, 2003: p. 559).

A argumentação construída sobre infografía como gênero abre espaço para a construção de um campo de estudos que possa aprofundar essa visibilidade e o posicionamento da infografía nos novos meios digitais com o seu poder de narrativa que atravessa as multiplataformas – analógicas e digitais. “Es evidente que se trata de um género distinto por ser más visual y menos literário que los otros, aunque también pretende narrar total o parcialmente una información” (VALERO SANCHO, 2003, p. 570). É uma discussão ainda complexa e ampla devido as ramificações que se disseminam em torno da interface infografia e gênero e, todavia, torna-se pertinente aos estudos do jornalismo e da comunicação de uma forma mais ampla tendo em vista seu potencial de mutação entre as diversas plataformas midiáticas.

Considerações finais

O objetivo central dessa discussão foi trazer elementos teóricos-conceituais e posicionamentos convergentes e divergentes que possam lançar luz sobre o comportamento da infografia e sua incorporação como gênero jornalístico ou dentro do subcampo de cibergêneros. O jornalismo digital trouxe características próprias e potenciais (desde interatividade à memória ativada por base de dados passando por multimedialidade) que servem de recursos para as narrativas apresentadas nas infografias multimídia. As novas dinâmicas endereçam questões e problematizações para exploração nos estudos do jornalismo contemporâneo e apontam para a

necessidade de uma compreensão mais aprofundada da importância da infografia e sua transposição para os meios digitais.

Estamos diante de narrativas que se utilizam fortemente das estruturas caracterizadoras das plataformas web ou da interface de *tablets* e *smartphones* para se aproximar do leitor e permitir que este interaja de uma forma mais amigável e participativa eliminando, em parte, algumas limitações naturais de meios impressos ou televisivos. Entretanto, o mais importante é perceber que as infografias multimídia estão ainda em processo de expansão e caminhando para o uso mais sistemático de bases de dados como faz o *New York Times* e complexificando a sua função ou disparando a exigência de novas habilidades cognitivas.

Em resumo, ao retomarmos essa recorrente discussão entre infografia e gênero reconhecemos a vivacidade e vigor dessa categoria de narrativa visual dentro do jornalismo digital e a abertura de novas possibilidades a partir da exploração do potencial oferecido para o seu desenvolvimento de forma original sob a égide da digitalização e dos processamentos de dados que se aliam à capacidade criativa e de apuração, produção e disseminação da infografia nos tradicionais e contemporâneos meios de comunicação e de transmissão.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**: Filosofia e técnica. 2. ed. Porto Alegre, Sulina, 1980.

BERTOCCHI, Daniela. **Gêneros jornalísticos em espaços digitais**. Publicado nas Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), "Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação", 20 e 21 Outubro 2005, Universidade de Aveiro, Portugal. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertocchi-daniela-generos-jornalisticos-espacos-digitais.pdf>
Acesso em: 10 ago de 2008.

_____, Daniela. Gêneros no ciberjornalismo. In: MARQUES DE MELO, J; ASSIS, F. (orgs). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BORRÁS, Leticia; CARITÁ, María Aurelia. **Infototal, inforrelato e infopincel. Nuevas categorías que caracterizan la infografía como estructura informativa**. In: Revista Latina de Comunicación Social. Número 35. Noviembre de 2000 [extra "La comunicación social en Argentina"], La Laguna (Tenerife). Disponível em:

<http://www.ull.es/publicaciones/latina/argentina2000/17borras.htm> acesso em 22 maio 2008

CAIRO, Alberto. **Infografia 2.0**: visualización interactiva de información de prensa. Alamut, 2008.

_____. 100 semanas de Diagramas, 2011. Disponível em:
<http://columnas.revistaepoca.globo.com/fazcaber/2011/12/22/100-semanas-de-diagramas/>
Acesso em: 23 /01/2012.

DE PABLOS, José Manuel. Siempre ha habido infografía. In: **Revista Latina de Comunicación Social**. Número 5. Mayo de 1998. La Laguna, Tenerife. Disponível em:
<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/88depablos.html> Acesso em 20 out. 2005.

_____. **Infoperiodismo**. El periodista como creador de infografía. Madrid. Editorial Síntesis, 1999

DÍAZ NOCI, Javier; SALAVERRÍA, Ramón (orgs.). **Manual de redacción ciberperiodística**. Barcelona: Ariel Comunicación, 2003

_____. **Los géneros ciberperiodísticos: una aproximación teórica a los cibertextos, sus elementos y su tipología**. Paper apresentado no II Congresso Iberoamericano de Periodismo Digital, em Santiago da Compostela, 2004. Disponível em: <http://www.ehu.es/diaz-noci/Conf/santiago04.pdf> Acesso em 21 nov. 2008.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria dels gèneres periodístics**. Barcelona, Centre d'Investigació de la Comunicació, 156 p. 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: definições e funcionalidades**. 2002. Disponível em: http://www.proead.unit.br/professor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Gêneros_textuais_definicoes_funcionalidade.rtf Acesso em 13 set. 2008.

_____. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. 2003. Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc> Acesso em 13 set. 2008

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição revista, 1994.

_____.; ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARTINEZ ALBERTOS, Jose Luís. **Curso general de Redacción Periodística**. Barcelona: Paraninfo, 1983

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: uma questão de gênero.** Artigo apresentado na Intercom, 2001. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/ Acesso em 05 set 2007.

PARRAT, Sonia Fernández, **El debate en torno a los géneros periodísticos en la prensa: nuevas propuestas de clasificación.**In: *Revista Zer* (11), 2001. Acessado em: 25/10/2006 Disponível em: <http://www.ehu.es/zer/zer11web/sferparrat.htm> Acesso em: 10 jul. 2008.

PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo Iconográfico.** Lisboa: Planeta, 1991.

RODRIGUES, Adriana Alves. **Infografia na revista Veja: a imagem gráfica como indução do leitor.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Departamento de Comunicação Social-Jornalismo, Universidade Estadual da Paraíba, 2006.

_____. Base de dados e infografia interativa: novas potencialidades, conceitos e tendências. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; SILVA, Fernando Firmino (orgs). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009a.

_____. **Infografia em base de dados no jornalismo digital.** 2009b. (dissertação de mestrado) - FACOM, UFBA, Salvador.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redación periodística en internet .** Barcelona: EUNSA, 2005.

_____, Ramón e CORES, Rafael. **Géneros periodísticos en los cibermedios hispanos.** In: SALAVERRIA, Ramon (coord.). *Cibermedios – el impacto de internet en los medios de comunicación en España.* Sevilla: Comunicación Social, 2005.

SEIXAS, Lia. **Gêneros jornalísticos digitais: Um estudo das práticas discursivas no ambiente digital,** 2004. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/Pos/gtjornalismo/doc/liaseixas2004.doc> Acesso em: 7 out. 2008.

_____. **Gênero também é poder.** Disponível em: <http://generos-jornalisticos.blogspot.com/2006/10/gnero-tambm-poder.html> Acesso em: 24 jun. 2008a

_____. **O poder de ser um gênero jornalístico: novos formatos se tornam novos gêneros?** In: In: Anais do 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, UESP (Universidade Metodista de São Paulo), novembro de 2008b

TODOROV, T. 1980. **Os gêneros do discurso.** São Paulo, Martins Fontes, 306 p.

VALERO SANCHO, José Luis. **La infografía: Técnicas, Análisis y Usos Periodísticos.** Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.